

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA - UFU
FACULDADE DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS - FACIC
GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS CONTÁBEIS

MARINA AQUINO VIEIRA

O IMPACTO DA COVID-19 NAS DEMONSTRAÇÕES FINANCEIRAS DE
COMPANHIAS SEGURADORAS BRASILEIRAS

UBERLÂNDIA
MAIO DE 2025

MARINA AQUINO VIEIRA

**O IMPACTO DA COVID-19 NAS DEMONSTRAÇÕES FINANCEIRAS DE
COMPANHIAS SEGURADORAS BRASILEIRAS**

Artigo Acadêmico apresentado à Faculdade de Ciências Contábeis da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Ciências Contábeis.

Orientador: Prof. Dr. Reiner Alves Botinha

UBERLÂNDIA

MAIO DE 2025

RESUMO

A pandemia de COVID-19 impactou profundamente a economia global, incluindo o setor de seguros, que precisou adaptar suas estratégias para lidar com mudanças no comportamento do consumidor e instabilidades financeiras. Este estudo tem como objetivo analisar os efeitos da pandemia nos indicadores financeiros das seguradoras BB Seguridade, Caixa Seguridade, IRB (Re) e Porto Seguro. A pesquisa analisou os índices de rentabilidade, liquidez e endividamento dessas empresas, buscando compreender as principais variações ocorridas durante e após a crise sanitária. Os resultados demonstraram que a pandemia afetou diretamente a rentabilidade das seguradoras, com queda significativa no ROE e EBITDA de algumas companhias, especialmente a IRB(Re), que apresentou prejuízos relevantes. Além disso, os níveis de endividamento oscilaram, refletindo a necessidade de capitalização e ajustes estratégicos diante das incertezas do mercado. Por outro lado, a margem líquida apresentou variações menos expressivas, sugerindo certa resiliência do setor frente ao cenário adverso. Quanto aos índices de liquidez, as seguradoras BB Seguridade e Porto Seguro demonstraram maior estabilidade ao longo dos anos, enquanto a Caixa Seguridade apresentou oscilações bruscas e a IRB(Re) apresentou níveis preocupantes. A pesquisa contribui para uma compreensão mais detalhada do comportamento financeiro das seguradoras em períodos de crise, oferecendo subsídios para investidores, reguladores e gestores no aprimoramento das estratégias de mitigação de riscos e sustentabilidade financeira.

Palavras-chave: Seguradoras. COVID-19. Rentabilidade. Endividamento. Liquidez. Demonstrações Financeiras.

ABSTRACT

The COVID-19 pandemic had a profound impact on the global economy, including the insurance sector, which had to adapt its strategies to address consumer behavior changes and financial instability. This study aims to analyze the effects of the pandemic on the financial indicators of insurance companies BB Seguridade, Caixa Seguridade, IRB(Re), and Porto Seguro from 2018 to 2023. The research assessed profitability, liquidity, and debt ratios to understand key variations during and after the health crisis. The results showed that the pandemic directly affected insurers' profitability, with significant declines in ROE and EBITDA, particularly for IRB(Re), which reported substantial losses. Additionally, debt levels fluctuated, reflecting the need for capitalization and strategic adjustments amid market uncertainties. On the other hand, net margin variations were less pronounced, suggesting a certain level of resilience within the sector. As for liquidity ratios, the insurance companies BB Seguridade and Porto Seguro demonstrated greater stability over the years, while Caixa Seguridade showed sharp fluctuations and IRB(Re) presented worrying levels. This research contributes to a deeper understanding of insurers' financial behavior in times of crisis, providing insights for investors, regulators, and managers to enhance risk mitigation strategies and financial sustainability.

Keywords: Insurance companies. COVID-19. Profitability. Debt. Liquidity. Financial Statements.

1 INTRODUÇÃO

A pandemia de COVID-19, que teve início no final de 2019, gerou um grande impacto na economia global. O setor de seguros, especialmente o segmento de companhias seguradoras, não esteve imune aos efeitos econômicos dessa crise sanitária, que resultou em mudanças no comportamento do consumidor, no ambiente regulatório e nas operações internas das empresas. (Fonseca, 2020). Em um cenário de instabilidade, muitos setores foram forçados a revisar suas estratégias e a adaptar suas práticas financeiras, a fim de se manterem viáveis frente a um mercado em constante transformação (Fonseca, 2020).

A indústria de seguros de automóveis, desempenha seu papel na economia oferecendo proteção a bens materiais e impulsionando a confiança do consumidor no setor automobilístico. As demonstrações financeiras das seguradoras contribuem para a avaliação de sua saúde financeira e capacidade de gerar lucro, além de fornecerem informações relevantes para investidores, analistas e reguladores (Lima, 2020). De acordo com Lopes (2021) a pandemia afetou diretamente as receitas e despesas dessas empresas, e consequentemente, impactou a forma como essas informações são apresentadas.

O setor de seguros, especialmente o de automóveis, foi impactado pela pandemia de COVID-19, que trouxe mudanças significativas no comportamento do consumidor e nas operações das seguradoras (Lopes, 2021). Embora existam estudos sobre os efeitos da pandemia em diversos setores, ainda há uma lacuna no entendimento de como esses impactos se refletiram nas demonstrações financeiras das companhias seguradoras listadas na Bolsa de Valores. Portanto, o objetivo geral desta pesquisa é analisar quais os efeitos da pandemia nos indicadores financeiros das seguradoras. De maneira específica, busca-se analisar as principais mudanças nos índices de rentabilidade, liquidez e endividamento das companhias seguradoras durante a pandemia de COVID-19.

Para isto, será realizado o estudo das demonstrações financeiras das seguradoras BB seguradora, Caixa seguradora, IRB(Re) e Porto Seguro, durante os anos de 2018 a 2023, com o objetivo de identificar de que forma o momento pandêmico contribuiu para a variação dos resultados dessas empresas listadas na Bolsa de Valores.

A relevância desta pesquisa se dá pelo contexto gerado pela pandemia de COVID-19, que trouxe transformações inesperadas para a economia global e, especificamente, para o setor de seguros. Com a instabilidade econômica e o novo comportamento dos consumidores, as

seguradoras enfrentaram desafios significativos, como a diminuição da demanda por novas apólices e a necessidade de reavaliar suas reservas técnicas.

Ao analisar os impactos nas demonstrações financeiras, a pesquisa pode contribuir para uma melhor compreensão do comportamento financeiro das seguradoras em períodos de crise e pode oferecer informações para investidores, reguladores, profissionais da área contábil e até mesmo para outras seguradoras em termos de planejamento estratégico e gestão de riscos.

O presente trabalho se divide em sua estrutura nos capítulos de introdução, referencial teórico, aspectos metodológicos, resultados e discussões e considerações finais. O referencial teórico, a seguir, oferece a base para interpretar de forma crítica as mudanças ocorridas nas informações contábeis divulgadas pelas companhias seguradoras brasileiras ao longo do período analisado.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A pandemia do COVID-19

A pandemia causada pelo vírus SARS-CoV-2, impactou vários aspectos da vida cotidiana, desde a saúde pública até as dinâmicas econômicas e sociais. Declarada como pandemia pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em março de 2020, a crise sanitária desencadeou uma série de efeitos profundos e duradouros no mundo inteiro, que se refletiram de forma especial no setor de seguros, incluindo as seguradoras de veículos (Rodrigues, 2020).

De acordo com a OMS (2020), mais de 100 milhões de pessoas foram infectadas globalmente e mais de 2 milhões morreram até o início de 2021. As medidas de distanciamento social, o fechamento de fronteiras e a restrição de atividades econômicas geraram um cenário de recessão econômica mundial, com diversos setores enfrentando dificuldades para se manterem operacionais (Alves, 2021). A crise global gerou uma grande desaceleração econômica, afetando tanto as economias desenvolvidas quanto as em desenvolvimento (Alves, 2021).

Nos mercados financeiros, a volatilidade aumentou significativamente, com os índices das bolsas de valores ao redor do mundo apresentando quedas expressivas durante os primeiros meses da pandemia (Alves, 2021). A adoção de medidas de estímulo econômico pelos governos, como pacotes de resgates e políticas monetárias expansionistas, foi uma resposta

importante à crise, mas não foi capaz de evitar os efeitos colaterais em muitas empresas, especialmente as mais expostas a riscos externos, como o setor de seguros (Alves, 2021).

No Brasil, os efeitos da pandemia de COVID-19 foram igualmente consideráveis. O país enfrentou uma crise sanitária com o sistema de saúde sendo fortemente pressionado pela alta taxa de transmissão do vírus (Gomes *et al.*, 2020). A resposta do governo foi caracterizada por políticas de isolamento social, mas também houve desafios em termos de coordenação política e regional, o que dificultou a implementação de medidas eficazes de controle (Gomes *et al.*, 2020).

De acordo com o estudo de Souza *et al.* (2021), a queda no número de acidentes de trânsito durante o período de confinamento contribuiu para a diminuição dos sinistros e, conseqüentemente, para a redução dos custos das seguradoras com indenizações. No entanto, a falta de novos contratos e a necessidade de readequação das provisões técnicas prejudicaram a rentabilidade do setor (Souza *et al.*, 2021).

As seguradoras de veículos enfrentaram desafios para ajustar suas estratégias operacionais e financeiras frente à pandemia. O uso de tecnologias digitais para o atendimento ao cliente, a análise de dados em tempo real e a adaptação das ofertas de seguros, como o seguro por quilômetro rodado, foram algumas das inovações implementadas para minimizar os impactos negativos. No entanto, as seguradoras também precisaram ajustar suas demonstrações financeiras para refletir as mudanças nas suas operações e garantir a transparência para seus investidores (Souza *et al.*, 2021).

A pandemia desafiou os modelos tradicionais de gestão de riscos e exigiu que as seguradoras adotassem uma postura mais conservadora em relação a suas reservas e à avaliação do risco de mercado (Lopes, 2021). Portanto, espera-se que essas mudanças também tenham afetado o comportamento dos investidores, passando a observar com mais atenção a solidez financeira das seguradoras diante da crise (Lopes, 2021).

2.2 As seguradoras no Brasil

A história das seguradoras no Brasil remonta ao final do século XIX, quando o país começou a se integrar ao mercado global e a adotar práticas de seguros, influenciado pelas transformações econômicas e pelo crescimento das atividades comerciais e industriais (Martins, 2012). Antes disso, o conceito de seguro, em sua forma rudimentar, já existia de maneira

informal, com contratos baseados na solidariedade, porém sem a regulação necessária para garantir a solvência das empresas (Martins, 2012).

O marco inicial para o desenvolvimento do mercado de seguros no Brasil foi em 1829, com a criação da primeira companhia de seguros no país: a Companhia de Seguros Piratininga, que teve grande relevância para a evolução da indústria seguradora nacional (Martins, 2012). No entanto, o setor ainda era bastante incipiente, com poucas companhias atuando principalmente nas regiões mais urbanizadas (Martins, 2012).

Durante o século XX, a regulamentação do setor começou a tomar forma com a criação de normas e leis que orientassem a operação das seguradoras, proporcionando maior segurança e confiança para os consumidores. Em 1939, o governo brasileiro criou a Superintendência de Seguros Privados (SUSEP), com o objetivo de regular, fiscalizar e fomentar o desenvolvimento do setor segurador (Santos, 2019). A SUSEP foi um marco importante, pois trouxe um maior nível de formalização e supervisão, essencial para a criação de um ambiente mais estável para as empresas do setor e seus clientes (Santos, 2019).

Na década de 1940, as seguradoras começaram a expandir suas operações para diferentes ramos, como seguros de vida, saúde, automóveis e de danos materiais. Este crescimento foi, em parte, impulsionado pelo aumento da industrialização e pela introdução de novos produtos financeiros no mercado. O seguro passou a ser visto como uma ferramenta fundamental para a proteção de bens e vidas no cenário econômico de incertezas e transformações (Santos, 2019).

Nos anos 1980 e 1990, as seguradoras brasileiras se modernizaram e passaram a adotar novas práticas de gestão (Martins, 2012). A adoção de sistemas tecnológicos mais avançados e a internacionalização de algumas empresas brasileiras marcaram a época. Com isso, o setor segurador brasileiro se expandiu, tornando-se mais competitivo, com a entrada de novas seguradoras estrangeiras e o aumento da oferta de produtos e serviços (Martins, 2012).

O setor de seguros no Brasil continuou a evoluir ao longo dos anos 2000 e 2010, com um mercado cada vez mais dinâmico e inovador. A entrada de seguradoras na B3 (Bolsa de Valores Brasileira) tem sido um reflexo da maturidade do setor de seguros no Brasil. Empresas como Porto Seguro, BB Seguridade, IRB(Re) e Caixa Seguradora realizaram ofertas públicas iniciais de ações (IPOs) na B3 para expandir suas operações e aumentar o capital disponível (Lima, 2021). A entrada das seguradoras no mercado acionário não só fortaleceu sua posição no mercado, mas também melhorou sua governança corporativa e capacidade de inovação (Lima, 2021).

Investir em seguradoras de veículos oferece uma oportunidade de diversificação para o portfólio dos investidores, especialmente em momentos de instabilidade econômica, já que essas empresas geralmente têm uma base de clientes ampla e fidelizada (Almeida, 2021). Para o presente estudo a amostra é composta pela BB Seguridade, Caixa Seguradora, IRB(Re) e Porto Seguro (Almeida, 2021).

A BB Seguridade é uma das maiores empresas de seguros do Brasil, com uma diversificação no portfólio de produtos, incluindo seguros de veículos, saúde, vida e previdência (Portal BB, 2021). A empresa é controlada pelo Banco do Brasil e tem suas ações negociadas na B3 desde 2013. A BB Seguridade tem se destacado pela sua rentabilidade e pela solidez financeira (Portal BB, 2021).

A Caixa Seguradora, uma subsidiária da Caixa Econômica Federal, oferece seguros de veículos, vida e saúde. A empresa se destacou pelo seu apoio governamental e tem uma forte presença no Brasil, atendendo principalmente a clientes de menor poder aquisitivo (Caixa, 2021). Embora tenha sido impactada por questões econômicas, a Caixa Seguradora tem demonstrado crescimento consistente (Caixa, 2021).

O IRB(Re), especializado no ramo de resseguros, é uma das seguradoras mais antigas do Brasil. A empresa foi listada na B3 em 2007 e, desde então, tem ampliado sua participação no mercado de seguros (IRB(Re), 2021). O IRB(Re) se destaca pela sua atuação no mercado internacional e pela diversidade de produtos de resseguro, atendendo grandes empresas e seguradoras no país (IRB(Re), 2021).

Fundada em 1945, a Porto Seguro é uma das líderes no mercado de seguros de veículos do Brasil. Sua listagem na B3 em 2004 permitiu à empresa ampliar sua base de investidores e sua presença no mercado financeiro (Porto Seguro, 2021). A Porto Seguro tem se destacado pela inovação no setor, oferecendo seguros personalizados e serviços agregados, como assistências para seus clientes (Porto Seguro, 2021).

2.3 A Comparabilidade dos relatórios financeiros

A comparabilidade dos relatórios financeiros se refere à capacidade de comparar informações financeiras de diferentes empresas e períodos, possibilitando a avaliação de seu desempenho e a tomada de decisões mais fundamentadas. No contexto da contabilidade, a comparabilidade é regulada por normas e diretrizes contábeis, como as Normas Internacionais de Contabilidade (*International Financial Reporting Standards*, IFRS), que buscam promover

a uniformidade e a clareza nos relatórios financeiros das empresas ao redor do mundo (FASB, 2020).

Em relação ao setor de seguros, especialmente as seguradoras de veículos, a comparabilidade dos relatórios financeiros é relevante, pois permite que investidores, analistas e reguladores avaliem adequadamente os riscos e as oportunidades associadas a essas empresas. No Brasil, o CPC (Comitê de Pronunciamentos Contábeis) adotou diversas normas, como o CPC 00, que alinha as práticas contábeis nacionais com os IFRS, garantindo a consistência e a comparabilidade das informações financeiras (CPC, 2021).

Apesar da adoção de normas internacionais, o setor de seguros enfrenta desafios específicos no que tange à comparabilidade dos relatórios financeiros. As seguradoras de veículos lidam com uma série de aspectos contábeis particulares, como o cálculo de provisões para sinistros, reservas técnicas e o reconhecimento de receitas provenientes de prêmios de seguros, que podem variar de acordo com o tipo de produto oferecido e as políticas de cada empresa (Lopes, 2021).

Além disso, o setor de seguros está sujeito a regulamentações específicas, como as da SUSEP (Superintendência de Seguros Privados), que influenciam a forma como as seguradoras registram e reportam suas receitas e despesas. Por exemplo, as provisões para sinistros podem ser calculadas de maneira distinta entre as seguradoras, dependendo de suas políticas internas e dos modelos atuariais adotados (SUSEP, 2021). Esse fator torna a comparabilidade entre as empresas mais desafiadora, pois as estimativas de risco podem variar amplamente.

A adoção das IFRS, e em particular a introdução do IFRS 17 para contratos de seguros, foi um marco importante para melhorar a comparabilidade dos relatórios financeiros das seguradoras. O IFRS 17 exige que as seguradoras reconheçam os contratos de seguro com base no valor presente das obrigações e no risco assumido, proporcionando maior clareza e uniformidade nos relatórios financeiros, além de tornar mais fácil a comparação entre empresas, tanto em nível nacional quanto internacional (KPMG, 2021).

O CPC 45 também contribui para a harmonização das normas contábeis no Brasil, abordando o reconhecimento, mensuração e divulgação das receitas provenientes de contratos de seguros. Essa norma, que se alinha com o IFRS 17, busca padronizar o reconhecimento das receitas de seguros e as reservas técnicas, promovendo maior transparência e possibilitando uma comparação mais justa entre as seguradoras do mercado (CPC, 2021).

A obrigatoriedade de auditorias independentes, estabelecida pela Comissão de Valores Mobiliários (CVM), também contribuiu para aumentar a confiabilidade e a comparabilidade

das informações financeiras das seguradoras, garantindo que as empresas divulguem suas práticas contábeis de maneira clara e acessível para os investidores e analistas (CVM, 2021).

A comparação dos relatórios financeiros de 2020 com os de anos anteriores foi afetada pela necessidade de ajustes temporários nas práticas contábeis, como o aumento das provisões para sinistros e a reavaliação de contratos de seguros. A pandemia evidenciou a importância de uma contabilidade robusta e transparente, capaz de lidar com mudanças repentinas no mercado e de manter a comparabilidade, mesmo em tempos de alta volatilidade (Fonseca, 2020).

2.4 Indicadores Econômico-financeiros

Os indicadores econômico-financeiros são utilizados para analisar a saúde financeira das empresas, permitindo uma avaliação precisa sobre sua performance. Esses indicadores medem e interpretam diversos aspectos das finanças, como a capacidade de uma empresa pagar suas dívidas, gerar lucro e rentabilidade sobre os investimentos realizados (Martins; Miranda; Diniz 2019).

No setor de seguros esses indicadores são utilizados para analisar a solvência e a rentabilidade das seguradoras, especialmente quando consideramos o impacto de eventos inesperados como a pandemia da COVID-19, que afetou diretamente o fluxo de caixa das empresas. Os principais indicadores econômico-financeiros são aqueles relacionados à liquidez, ao endividamento e à rentabilidade, sendo todos essenciais para fornecer uma visão holística do desempenho financeiro das empresas (Rodrigues, 2020).

2.4.1 Indicadores de Liquidez

A liquidez representa a capacidade de uma empresa honrar suas obrigações financeiras de curto prazo. Esses indicadores permitem aos analistas avaliarem se a empresa tem recursos suficientes para cobrir suas dívidas de curto prazo (Martins; Miranda; Diniz 2019), uma característica necessária principalmente em períodos de crise econômica, como observado durante a pandemia de COVID-19. Entre os principais indicadores de liquidez, destacam-se a liquidez corrente, a liquidez seca, a liquidez geral e a liquidez imediata. Os indicadores de liquidez elencados para a presente pesquisa estão apresentados no Quadro 1.

Quadro 1 – Indicadores de Liquidez

Indicador	Descrição	Fórmula de Cálculo
Liquidez Corrente	Mede a capacidade de pagamento das dívidas de curto prazo.	$LC = \text{Ativo Circulante} / \text{Passivo Circulante}$
Liquidez Geral	Mede a capacidade de pagamento das dívidas totais.	$LG = (\text{Ativo Circulante} + \text{Realizável a Longo Prazo}) / \text{Passivo Circulante}$
Liquidez Imediata	Avalia a capacidade de pagamento imediato, considerando apenas os recursos mais líquidos.	$LI = \text{Caixa e Equivalentes de Caixa} / \text{Passivo Circulante}$

Fonte: Adaptado de Martins, Miranda e Diniz, 2019

Esses indicadores contribuem para entender a solvência de uma empresa no curto prazo. A análise da liquidez, segundo Iudícibus (2021), deve ser uma das primeiras etapas em qualquer processo de avaliação financeira, pois ela permite verificar se a empresa tem a capacidade de se manter operacional diante de imprevistos financeiros.

2.4.2 Indicadores de Endividamento

Os indicadores de endividamento são utilizados para medir o grau de dependência da empresa em relação a financiamentos de terceiros, o que pode ser um fator crítico no setor de seguros, onde o capital de giro e a solvência são determinantes para a continuidade das operações. O grau de endividamento afeta a capacidade da empresa de lidar com crises financeiras e influencia diretamente a percepção dos investidores sobre o risco da companhia. Entre os principais indicadores de endividamento, destacam-se a participação de capitais de terceiros, a composição do endividamento e a imobilização do patrimônio líquido (Martins; Miranda; Diniz, 2019). Os indicadores de endividamento selecionados para a pesquisa estão apresentados no Quadro 2.

Quadro 2 – Indicadores de Endividamento

Indicador	Descrição	Fórmula de Cálculo
Endividamento Total	Mede a proporção do endividamento total da empresa em relação ao seu patrimônio Líquido	$ET = \text{Passivo Total} / \text{Patrimônio Líquido}$
Composição do Endividamento	Analisa a relação entre a dívida de curto e longo prazo.	$CE = \text{Passivo Circulante} / \text{Passivo Total}$

Fonte: Adaptado de Martins, Miranda e Diniz, 2019

A análise do endividamento, de acordo com Riascos (2020), é fundamental para a gestão financeira das seguradoras, principalmente quando há uma alta exposição a riscos financeiros, como aconteceu durante a pandemia.

2.4.3 Indicadores de Rentabilidade

A rentabilidade é utilizada para medir a eficiência da empresa em gerar lucros a partir dos recursos disponíveis, e no setor de seguros, ela reflete a capacidade da empresa de manter margens positivas, mesmo em contextos de incerteza econômica. Entre os principais indicadores de rentabilidade, destacam-se o Retorno sobre o Patrimônio Líquido (ROE), o EBITDA e a Margem Líquida (Lima, 2020). Os indicadores de rentabilidade utilizados na pesquisa estão apresentados no Quadro 3.

Quadro 3: Indicadores de Rentabilidade

Indicador	Descrição	Fórmula de Cálculo
ROE (Retorno sobre o Patrimônio Líquido)	Avalia a rentabilidade sobre o patrimônio líquido da empresa, ou seja, quanto de lucro a empresa gera para cada real investido pelos acionistas.	$ROE = (\text{Lucro Líquido} / \text{Patrimônio Líquido}) \times 100$
EBITDA (Lucros antes de Juros, Impostos, Depreciação e Amortização)	Mede a capacidade de geração de lucro operacional da empresa, desconsiderando os efeitos de juros, impostos, depreciação e amortização, proporcionando uma visão clara da rentabilidade operacional.	$EBITDA = \text{Lucro Operacional} + \text{Depreciação} + \text{Amortização}$
Margem Líquida	Mostra a porcentagem de lucro líquido obtido em relação à receita líquida, refletindo a eficiência da empresa em gerar lucro.	$\text{Margem Líquida} = \text{Lucro Líquido} / \text{Receita Líquida}$

Fonte: Adaptado de Martins, Miranda e Diniz (2019)

A análise de rentabilidade, segundo Lima (2020), é essencial para avaliar a capacidade de uma empresa de gerar lucros consistentes, mesmo em um cenário de crises econômicas.

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa tem como objetivo identificar as mudanças nos índices de rentabilidade, liquidez e solvência das empresas BB Seguradora, Caixa Seguradora, IRB(Re) e Porto Seguro. durante o período pandêmico, bem como compreender as estratégias adotadas pelas seguradoras para mitigar os efeitos financeiros adversos e analisar a reação dos investidores frente às modificações nas demonstrações financeiras.

A pesquisa, quanto aos objetivos, é classificada como pesquisa descritiva, que, segundo Gil (2010, p. 42), pode ser definida como “aquela que se destina a descrever as características de determinado fenômeno ou a relação entre variáveis”. Quanto à abordagem do problema, a

pesquisa é tida como qualitativa, que, segundo Minayo (2010, p. 56), pode ser definida como “aquela que busca interpretar a realidade a partir de uma visão holística e contextualizada”. Quanto à coleta dos dados, a pesquisa trata-se de um estudo múltiplo de casos, com base em dados secundários, que, segundo Lakatos e Marconi (2017, p. 83), pode ser definida como “aquela que utiliza documentos já existentes para coletar dados e elaborar conclusões”.

Este estudo adota uma abordagem descritiva e exploratória, com análise documental das demonstrações financeiras publicadas por companhias seguradoras brasileiras nos anos de 2019, 2020 e 2021. A seleção desse período visa contemplar o cenário pré-pandemia, o auge dos efeitos da COVID-19 e o início da recuperação econômica. As análises focam em indicadores contábeis como sinistralidade, provisões técnicas, receitas de prêmios e resultados operacionais, além da leitura qualitativa das notas explicativas, que frequentemente mencionam os impactos da pandemia.

Ressalta-se que não foram empregados instrumentos estatísticos ou modelos econométricos para isolar os efeitos da pandemia de outros fatores econômicos, políticos ou setoriais. Assim, as alterações observadas nos demonstrativos financeiros são analisadas com base em correlações temporais e indícios qualitativos, e não como relações de causalidade direta.

A amostra foi composta pelas quatro seguradoras mencionadas, selecionadas por serem representativas do setor de seguros de automóveis no Brasil e por estarem listadas na Bolsa de Valores, o que proporciona acesso público às suas demonstrações financeiras. As informações financeiras dessas seguradoras foram coletadas a partir dos demonstrativos contábeis publicados entre os anos de 2018 e 2023, sendo os dados extraídos da base de dados Economática®. O período de análise foi definido considerando que a pandemia de COVID-19 teve início no final de 2019, afetando diretamente os resultados financeiros a partir de 2020.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Este capítulo tem como objetivo apresentar e analisar comparativamente os principais indicadores econômico-financeiros de quatro companhias seguradoras listadas na Bolsa de Valores: BB Seguradora, Caixa Seguradora, IRB(Re) e Porto Seguro. O foco está em compreender como os indicadores de liquidez, endividamento e rentabilidade se comportaram

ao longo dos anos, especialmente considerando os efeitos da pandemia de COVID-19, que gerou distúrbios financeiros no mercado global e no setor de seguros. A comparação desses índices será importante para avaliar a resiliência financeira das seguradoras e a eficácia de suas estratégias de gestão durante o período analisado.

A análise dos indicadores permite identificar padrões de comportamento e mudanças significativas nas empresas analisadas. A comparação dos índices de liquidez, endividamento e rentabilidade ao longo dos anos permite avaliar não apenas o impacto da crise sanitária global, mas também como as seguradoras se adaptaram às novas realidades econômicas e de mercado. Conforme ressaltado por Lima (2020), a análise de indicadores financeiros ao longo do tempo permite identificar tendências e projetar cenários futuros, sendo essencial para a tomada de decisões estratégicas, principalmente no setor de seguros, que enfrenta variabilidade nos sinistros e nas receitas.

Os indicadores de liquidez avaliam a capacidade de uma empresa em cumprir suas obrigações de curto prazo. No contexto das seguradoras, esses índices refletem a saúde financeira das companhias frente a eventos inesperados, como a pandemia da COVID-19, que impactou a economia global. Os principais indicadores apresentados na Tabela 1 são Liquidez Corrente, Liquidez Geral e Liquidez Imediata, cada um fornecendo uma visão distinta da capacidade de pagamento dessas empresas. O Indicador de liquidez seca não foi considerado por não ter nos dados divulgados os valores necessários para seu cálculo.

Tabela 1 – Indicadores de Liquidez

Índice	Seguradora	Ano					
		2018	2019	2020	2021	2022	2023
Liquidez Corrente	BB Seguridade	1,280	1,064	1,268	1,282	1,110	1,083
	Caixa Seguridade	8,509	3,228	2,457	10,213	2,039	1,035
	IRB(Re)	0,970	0,891	0,917	0,806	0,782	0,745
	Porto Seguro	1,307	1,266	1,208	1,094	1,085	1,133
Liquidez Geral	BB Seguridade	1,485	1,217	1,686	1,543	1,323	1,631
	Caixa Seguridade	8,509	3,228	2,457	10,213	2,039	1,035
	IRB(Re)	1,404	1,364	1,335	1,292	1,300	3,443
	Porto Seguro	1,603	1,603	1,571	1,453	1,459	1,635
Liquidez Imediata	BB Seguridade	1,2265	1,0636	0,7694	1,0228	0,9337	0,8676
	Caixa Seguridade	3,5634	1,8235	0,1213	4,9413	0,8760	0,3038
	IRB(Re)	0,0040	0,0029	0,0009	0,0022	0,0010	0,0046
	Porto Seguro	0,0458	0,0496	0,0440	0,0561	0,0809	0,0473

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

A liquidez corrente mede a capacidade da seguradora em cobrir suas obrigações de curto prazo com seus ativos circulantes. Valores acima de 1,0 indicam que a empresa tem ativos suficientes para cobrir seus passivos circulantes.

As empresas BB Seguridade e Porto Seguro mantiveram uma liquidez corrente relativamente estável ao longo dos anos, sem grandes oscilações. Durante a pandemia (2020-2021) a BB Seguridade registrou um leve aumento, de 1,064 em 2019 para 1,268 em 2020, o que pode indicar uma gestão financeira prudente, aumentando ativos líquidos diante da incerteza econômica.

A Caixa Seguridade, por outro lado, apresentou uma variação extrema. Antes da pandemia, o índice caiu drasticamente de 8,509 em 2018 para 3,228 em 2019 e chegou ao menor nível em 2020 (2,457). No entanto, em 2021, houve um salto significativo para 10,213, indicando uma possível estratégia de reforço da liquidez frente aos desafios da pandemia. Nos anos seguintes, a queda brusca para 2,039 em 2022 e 1,035 em 2023 sugere um esgotamento desse movimento, o que pode indicar pagamentos de sinistros elevados ou redução dos ativos líquidos.

A IRB(Re) manteve um índice abaixo de 1,0 em todos os anos, o que é preocupante, pois indica dificuldades para cobrir suas obrigações de curto prazo sem recorrer a outras fontes de financiamento. A crise enfrentada pela empresa nos últimos anos, agravada pela pandemia, pode justificar essa fragilidade financeira.

A liquidez geral inclui não apenas os ativos circulantes, mas também os ativos de longo prazo, dando uma visão mais ampla da capacidade financeira das seguradoras. A BB Seguridade apresentou um comportamento estável, mantendo seus índices entre 1,2 e 1,6 ao longo dos anos, o que sugere uma estratégia financeira consistente. A Caixa Seguridade seguiu a mesma oscilação da liquidez corrente, reforçando a hipótese de que em 2021 houve uma forte injeção de liquidez.

A empresa IRB(Re) demonstrou uma recuperação surpreendente em 2023, quando seu índice saltou de 1,300 para 3,443, o que pode indicar uma reestruturação significativa nos ativos da empresa, possivelmente reduzindo passivos ou aumentando ativos não circulantes. Já a Porto Seguro manteve um nível constante de liquidez geral, entre 1,4 e 1,6, demonstrando uma estrutura financeira sólida e previsível.

A liquidez imediata mede os ativos mais líquidos disponíveis para cobrir passivos circulantes, sendo um indicador importante para momentos de crise. A BB Seguridade sofreu uma redução em 2020, possivelmente devido a um impacto direto da pandemia nos fluxos de

caixa da seguradora. Nos anos seguintes, houve uma recuperação parcial, mas ainda abaixo dos níveis pré-pandemia.

A Caixa Seguridade teve uma queda acentuada em 2020, indicando dificuldades em manter caixa suficiente para cobrir obrigações imediatas. A recuperação em 2021 demonstra que a empresa adotou uma boa estratégia de reforço de caixa, mas o declínio em 2023 sugere que parte dessa liquidez foi utilizada ou realocada.

A IRB(Re) manteve valores extremamente baixos ao longo dos anos, indicando uma situação financeira crítica e a dependência de outras formas de capital para manter suas operações. A Porto Seguro apresentou uma leve variação, mas sem grandes mudanças estruturais, mantendo a estabilidade no indicador.

Os dados apresentados no Quadro 1 revelam que as seguradoras enfrentaram desafios distintos ao longo dos anos analisados. O impacto da pandemia foi evidente em 2020, com algumas seguradoras, como Caixa Seguridade, adotando estratégias agressivas de aumento de liquidez, enquanto outras, como IRB(Re), enfrentaram dificuldades contínuas.

As seguradoras BB Seguridade e Porto Seguro demonstraram maior estabilidade ao longo dos anos, enquanto a Caixa Seguridade apresentou oscilações bruscas e a IRB(Re) manteve um nível preocupante de liquidez. Essas variações reforçam a importância da gestão prudente de ativos e passivos em momentos de crise, garantindo maior resiliência financeira no setor de seguros.

Os indicadores de endividamento são essenciais para avaliar a estrutura de capital das seguradoras, revelando a proporção de recursos financiados por terceiros em relação ao patrimônio da empresa. No contexto da pandemia da COVID-19, a análise desses indicadores permite compreender o nível de alavancagem financeira adotado pelas seguradoras para enfrentar os desafios econômicos do período.

Tabela 2 – Indicadores de Endividamento

Índice	Seguradora	Ano					
		2018	2019	2020	2021	2022	2023
Endividamento Total	BB Seguridade	1,003	1,844	0,706	0,827	1,123	0,861
	Caixa Seguridade	0,180	0,204	0,134	0,009	0,075	0,113
	IRB(Re)	2,984	3,436	4,338	5,159	4,641	2,638
	Porto Seguro	2,998	2,956	3,096	3,708	3,745	2,540
Composição do Endividamento	BB Seguridade	0,821	0,849	0,633	0,663	0,763	0,648
	Caixa Seguridade	0,989	0,997	0,998	0,987	0,997	0,998
	IRB(Re)	0,910	0,910	0,911	0,911	0,926	0,394
	Porto Seguro	0,733	0,736	0,749	0,774	0,755	0,736

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

O endividamento total indica o quanto a empresa depende de capital de terceiros. Quanto maior esse índice, maior a dependência da seguradora de financiamentos e obrigações externas. A BB Seguridade apresentou grande oscilação ao longo dos anos. Em 2019, seu endividamento aumentou consideravelmente para 1,844, mas em 2020, ano inicial da pandemia, apresentou uma grande queda, o que pode indicar uma redução da alavancagem como estratégia de mitigação de riscos. Nos anos seguintes, houve uma recuperação, com aumento em 2022, seguido de uma leve redução para em 2023, sugerindo ajustes na gestão da dívida.

A Caixa Seguridade manteve um nível extremamente baixo de endividamento total, variando entre 0,180 em 2018 e 0,113 em 2023. A queda abrupta em 2021 indica uma estratégia agressiva de redução do endividamento, possivelmente devido à necessidade de liquidez em um cenário de crise.

A IRB(Re) foi a seguradora com maior índice de endividamento, atingindo um pico de 5,159 em 2021, o que pode indicar dificuldades financeiras ou a necessidade de captar recursos para cobrir sinistros e compromissos financeiros. Em 2023, houve uma queda acentuada para 2,638, possivelmente reflexo de um processo de reestruturação.

A Porto Seguro manteve um nível relativamente elevado de endividamento, mas com menor volatilidade em relação a IRB(Re). O aumento de 2,998 em 2018 para 3,745 em 2022 indica uma tendência de maior captação de recursos, seguida de uma redução para 2,540 em 2023, possivelmente como ajuste financeiro pós-pandemia.

A composição do endividamento representa a relação entre passivos exigíveis e o total de passivos, indicando a proporção da dívida que se refere a financiamentos e obrigações de longo prazo.

A BB Seguridade apresentou uma queda significativa em 2020, alinhada à sua redução no endividamento total. A leve recuperação até 2022 sugere um controle mais rigoroso das obrigações de longo prazo, seguido de nova queda em 2023.

A Caixa Seguridade manteve uma composição de endividamento praticamente estável em todo o período, com valores próximos de 1,0, indicando que praticamente todo o seu passivo é composto por obrigações exigíveis.

A IRB(Re) apresentou um comportamento similar, com estabilidade em torno de 0,910 até 2021, mas uma queda abrupta para 0,394 em 2023, o que pode indicar uma reestruturação financeira e redução na dependência de passivos de longo prazo.

A Porto Seguro manteve uma evolução estável, com um leve aumento de 0,733 em 2018 para 0,774 em 2021, o que demonstra um gerenciamento consistente de suas obrigações financeiras.

A análise dos indicadores de endividamento evidencia que a pandemia teve impactos distintos nas seguradoras brasileiras. Enquanto a BB Seguridade e a Caixa Seguridade adotaram estratégias mais conservadoras, reduzindo sua alavancagem, a IRB(Re) e a Porto Seguro mantiveram níveis elevados de endividamento, possivelmente para lidar com o aumento da sinistralidade e demandas financeiras inesperadas.

A forte oscilação observada na empresa IRB(Re) reflete os desafios enfrentados pela companhia, com um pico de endividamento em 2021 seguido de uma drástica redução em 2023. Já a Caixa Seguridade, com seus baixos níveis de endividamento, demonstrou uma posição mais sólida e independente de recursos de terceiros.

Esses dados reforçam a importância de estratégias eficientes de gestão de capital para garantir a estabilidade financeira das seguradoras diante de eventos de grande impacto, como a pandemia da COVID-19.

Os indicadores de rentabilidade avaliam o desempenho financeiro das seguradoras ao longo do tempo. A Tabela apresenta três métricas principais: ROE, que mede a capacidade da empresa de gerar lucro em relação ao seu patrimônio líquido; EBITDA, que representa o lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização, sendo um indicador da geração de caixa operacional e Margem Líquida, que mede a lucratividade líquida da empresa em relação à sua receita.

Tabela 3 – Indicadores de Rentabilidade

Índice	Seguradora	Ano					
		2018	2019	2020	2021	2022	2023
ROE	BB Seguridade	76,88	126,86	60,27	54,02	79,57	80,96
	Caixa Seguridade	32,10	29,88	19,48	17,96	27,12	28,46
	IRB(Re)	30,46	30,67	-35,74	-18,78	-15,47	-2,91
	Porto Seguro	17,15	16,68	18,83	16,49	10,66	18,13
EBITDA	BB Seguridade	4.415.200	8.601.822	4.782.297	4.933.267	7.046.954	8.907.070
	Caixa Seguridade	1.672.505	1.709.077	2.025.482	2.185.694	3.324.160	3.953.894
	IRB(Re)	1.075.241	762.596	-1.765.674	-1.961.180	-1.745.698	-321.013
	Porto Seguro	1.493.052	1.225.313	1.937.056	1.477.348	991.748	3.188.148
Margem Líquida	BB Seguridade	1,368	2,172	1,184	1,125	1,459	1,796
	Caixa Seguridade	2,121	2,377	1,978	1,676	1,480	1,769
	IRB(Re)	0,214	0,190	-0,177	-0,087	-0,090	-0,021
	Porto Seguro	0,074	0,076	0,091	0,073	0,041	0,070

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

O ROE indica a eficiência da seguradora em utilizar seu patrimônio para gerar lucro. Valores elevados demonstram maior rentabilidade para os acionistas. A BB Seguridade teve um desempenho excelente, alcançando um pico em 2019. No entanto, sofreu uma queda em 2020 (ano da pandemia), possivelmente devido a maiores custos operacionais ou queda na receita. A recuperação foi gradual, chegando a 80,96% em 2023.

A Caixa Seguridade manteve um ROE relativamente estável, variando entre 32,10% em 2018 e 28,46% em 2023. Houve uma queda em 2020, possivelmente pelo mesmo impacto da crise sanitária, mas a seguradora conseguiu se recuperar nos anos seguintes. A IRB(Re) apresentou o cenário mais preocupante. Após um ROE positivo em 2018 e 2019, a empresa enfrentou uma grande queda em 2020, refletindo possíveis problemas financeiros e operacionais. Embora tenha reduzido os prejuízos em 2023, manteve a situação negativa.

A Porto Seguro teve um comportamento mais estável, com valores entre 16,49% e 18,83%, mas apresentou uma queda mais expressiva em 2022 (10,66%), possivelmente associada ao aumento da sinistralidade ou custos operacionais.

O EBITDA reflete a geração de caixa operacional, demonstrando a capacidade da seguradora de gerar lucro antes de despesas financeiras e impostos. A BB Seguridade teve um crescimento expressivo, saindo de 4,4 bilhões em 2018 para 8,9 bilhões em 2023. Isso mostra uma expansão significativa da lucratividade operacional. A Caixa Seguridade também apresentou crescimento contínuo, atingindo 3,95 bilhões em 2023, um aumento significativo em relação a 2018 (1,67 bilhões).

A IRB(Re) teve uma queda no EBITDA em 2020 que pode indicar um forte impacto financeiro. O cenário negativo persistiu até 2023, sugerindo dificuldades na recuperação. A Porto Seguro teve uma boa recuperação após um período de oscilações, mostrando uma forte recuperação da capacidade operacional.

A margem líquida reflete a eficiência da seguradora na conversão da receita em lucro líquido. A BB Seguridade apresentou margem líquida sólida, demonstrando um bom controle de custos operacionais. A Caixa Seguridade também manteve bons níveis de margem líquida, com destaque para 2019 (2,377) e 2023 (1,769).

A IRB(Re) teve desempenho preocupante, com margem líquida negativa a partir de 2020 (-0,177), refletindo os desafios enfrentados pela seguradora. A Porto Seguro manteve margens mais baixas ao longo dos anos, variando entre 0,041 e 0,091, o que pode indicar um modelo de negócios mais dependente de volume de operações para garantir lucratividade.

Os indicadores de rentabilidade mostram que a BB Seguridade e a Caixa Seguridade tiveram desempenho positivo e resiliente, conseguindo se recuperar dos impactos da pandemia. Já a Porto Seguro apresentou uma recuperação expressiva no EBITDA em 2023, indicando uma boa retomada operacional.

Por outro lado, a IRB(Re) enfrentou dificuldades severas, com ROE e EBITDA negativos em vários anos, demonstrando um cenário desafiador para a seguradora. O que indica que a reversão dessa situação dependerá de uma forte reestruturação financeira.

Ao analisar os resultados obtidos, observa-se que as empresas adotaram uma postura mais conservadora, reduzindo investimentos e priorizando medidas de contenção de gastos. Esse comportamento, conforme indicado por estudos anteriores, é frequentemente observado em cenários de crise econômica. Segundo Castro (2020), organizações tendem a reduzir suas despesas operacionais e evitar investimentos de alto risco em momentos de instabilidade financeira, sendo assim, a aversão ao risco, uma estratégia recorrente em períodos de incerteza, em que as empresas buscam preservar a liquidez e a sustentabilidade do negócio.

Os dados analisados no presente estudo indicam que a postura predominante entre as empresas avaliadas foi de prudência financeira, confirmando a tendência apontada por Castro (2020). Assim, os achados deste trabalho corroboram a literatura existente ao demonstrar que a crise econômica leva, em sua maioria, a um comportamento empresarial mais conservador. Contudo, ressalta-se que diferentes fatores, como porte da empresa, setor de atuação e disponibilidade de crédito, podem influenciar essas decisões estratégicas

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo analisou os impactos da pandemia da COVID-19 sobre as demonstrações financeiras das seguradoras BB Seguridade, Caixa Seguridade, IRB(Re) e Porto Seguro, com foco nos indicadores de rentabilidade, liquidez e endividamento entre 2018 e 2023. Os resultados revelam que os efeitos da crise sanitária variaram significativamente entre as empresas: enquanto BB Seguridade e Caixa Seguridade demonstraram estabilidade e recuperação progressiva, a IRB(Re) sofreu deterioração financeira acentuada, e a Porto Seguro apresentou recuperação mais consistente a partir de 2023. A pandemia afetou negativamente a

rentabilidade, especialmente em 2020, e elevou temporariamente o endividamento, com sinais de reorganização financeira nos anos seguintes.

A análise evidencia que a resiliência financeira e as estratégias de gestão adotadas foram determinantes na resposta à crise, ressaltando a importância de um planejamento robusto e de práticas eficazes de gestão de riscos. Assim, a pesquisa contribui para o entendimento dos efeitos de choques sistêmicos no setor de seguros, oferecendo subsídios a investidores, gestores e reguladores.

Uma limitação relevante deste estudo é a dificuldade de atribuir, de forma inequívoca, os impactos observados nas demonstrações financeiras exclusivamente à pandemia de COVID-19. O ambiente empresarial é influenciado por uma série de variáveis externas e dinâmicas, como políticas econômicas, variações cambiais, avanços tecnológicos e mudanças regulatórias, que também podem ter afetado os resultados das companhias seguradoras no período analisado.

Por esse motivo, este trabalho não se propõe a afirmar causalidade, mas sim a evidenciar possíveis correlações entre o contexto da pandemia e variações nos indicadores contábeis, com base nas informações divulgadas pelas próprias empresas e nos relatos contidos nas notas explicativas. Recomenda-se, para estudos futuros, a aplicação de métodos quantitativos mais robustos, como modelos econométricos ou comparações entre grupos de controle, a fim de aprimorar a análise causal dos efeitos da COVID-19.

Como continuidade, sugere-se investigar outros segmentos do sistema financeiro, ampliar o período de análise para além de 2023 e realizar estudos comparativos com seguradoras estrangeiras. Essas abordagens podem aprofundar a compreensão sobre a capacidade adaptativa do setor e orientar políticas de resiliência e sustentabilidade empresarial.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, F. Análise financeira de seguradoras listadas na B3. **Revista Brasileira de Administração Financeira**, v. 12, n. 4, p. 23-34, 2021.

ALVES, J. L. A. Impactos da pandemia de COVID-19 nas empresas do setor financeiro: Uma análise setorial. **Revista Brasileira de Finanças**, v. 12, n. 3, p. 212-228, 2021.

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL. **Relatório de Sustentabilidade 2020** – Caixa Seguradora. Brasília: Caixa Econômica Federal, 2021. Disponível em: <https://www.caixa.gov.br>. Acesso em: 25 fev. 2025.

CASTRO, B. L. G. de *et al.* COVID-19 e organizações: estratégias de enfrentamento para redução de impactos. **Revista Psicologia Organizações e Trabalho**, v. 20, n. 3, p. 1059-1063, 2020.

CPC - COMITÊ DE PRONUNCIAMENTOS CONTÁBEIS. CPC 00 (R1) - **Estrutura Conceitual para Elaboração e Divulgação das Demonstrações Contábeis**. São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www.cpc.org.br>. Acesso em: 25 fev. 2025.

CVM - COMISSÃO DE VALORES MOBILIÁRIOS. **Instrução CVM nº 480/09 – Divulgação de Informações ao Mercado**. Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://www.cvm.gov.br>. Acesso em: 25 fev. 2025.

FASB - FINANCIAL ACCOUNTING STANDARDS BOARD. **Conceptual Framework for Financial Reporting**. 2020. Disponível em: <https://www.fasb.org>. Acesso em: 25 fev. 2025.

FONSECA, M. A. Impactos da pandemia de COVID-19 nas seguradoras de veículos: Uma análise contábil. **Revista Brasileira de Contabilidade**, v. 30, n. 2, p. 59-73, 2020.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOMES, R. S.; PEREIRA, M. T.; SOUSA, A. F. O impacto da COVID-19 na economia brasileira: Uma análise dos efeitos econômicos e sociais. **Revista de Economia e Sociologia**, v. 43, n. 4, p. 35-54, 2020.

IUDÍCIBUS, S. **Análise das Demonstrações Contábeis**. 14. ed. São Paulo: Atlas, 2021.

IRB(RE). **Relatório Anual 2020**. Rio de Janeiro: IRB(Re), 2021. Disponível em: <https://ri.irbre.com/informacoes-financeiras/resultados-trimestrais/>. Acesso em: 25 fev. 2025.

LIMA, R. O impacto da listagem de seguradoras na B3. **Revista de Mercado de Capitais**, v. 6, n. 2, p. 56-65, 2021.

KPMG. Implementando o IFRS 17 - **Desafios e Oportunidades para as Seguradoras**. São Paulo, 2021. Disponível em: <https://home.kpmg/br>. Acesso em: 25 fev. 2025.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

LIMA, M. F. **Gestão Financeira e Análise de Indicadores**. São Paulo: Pearson, 2020.

LIMA, R. O impacto da listagem de seguradoras na B3. **Revista de Mercado de Capitais**, v. 6, n. 2, p. 56-65, 2021.

LOPES, A. B. O setor de seguros e os desafios econômicos pós-COVID-19: Análise das seguradoras de veículos no Brasil. **Revista Brasileira de Contabilidade**, v. 78, n. 1, p. 48-63, 2021.

MARTINS, E.; MIRANDA, G. J.; DINIZ, J. A. **Análise didática das demonstrações contábeis**. São Paulo: Atlas, 2019.

MARTINS, M. M. **História do Seguro no Brasil e sua Regulação**. 2. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2012.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde**. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2010

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. COVID-19: **A OMS declara pandemia**. 11 mar. 2020. Disponível em: <https://www.who.int/pt/dg/speeches/detail/who-director-general-s-remarks-on-the-announcement-of-covid-19-pandemic>. Acesso em: 25 fev. 2025.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Painel de dados da COVID-19. Relatório diário de atualização da COVID-19, março de 2020**. Disponível em: <https://covid19.who.int>. Acesso em: 25 fev. 2025.

PORTAL BB. BB Seguridade – **Relatório de Gestão 2020**. Brasília: BB Seguridade, 2021. Disponível em: <https://www.bbseg.com.br>. Acesso em: 25 fev. 2025.

PORTO SEGURO. **Relatório Anual de Sustentabilidade 2020**. São Paulo: Porto Seguro, 2021. Disponível em: <https://www.portoseguro.com.br>. Acesso em: 25 fev. 2025.

RIASCOS, J. A. **Estratégias Financeiras no Mercado de Seguros**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2020.

RODRIGUES, J. P. Provisões e ajustes contábeis no setor de seguros durante a pandemia. **Revista Brasileira de Contabilidade e Auditoria**, v. 19, n. 4, p. 42-56, 2020.

SANTOS, R. S.; REIS, P. L. dos. O Impacto das Mudanças Regulamentares nas Seguradoras Brasileiras. **Revista Brasileira de Economia**, v. 63, n. 4, p. 467-487, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbecon>. Acesso em: 14 mar. 2025

SANTOS, M. A. Evolução do mercado de seguros no Brasil: Uma análise histórica. **Revista de Estudos Econômicos**, v. 17, n. 2, p. 102-114, 2019.

SOUSA, D. P.; LIMA, R. S.; MARTINS, T. E. O impacto da pandemia de COVID-19 nas seguradoras de veículos: Estudo de caso de empresas listadas na Bolsa de Valores. **Revista de Seguros e Finanças**, v. 14, n. 3, p. 98-114, 2021.

SUSEP - SUPERINTENDÊNCIA DE SEGUROS PRIVADOS. **Regulação do Setor de Seguros: Provisões Técnicas e Reservas**. Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://www.susep.gov.br>. Acesso em: 25 fev. 2025.